

UM REGIME DE PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O TRABALHAR E SUAS RELAÇÕES: A *COMUNIDADE AMPLIADA DE PESQUISA*

Fabíola Botechia¹
Milton Athayde²

Eixo do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO: Trabalho

O artigo tem como proposta a apresentação e discussão de um regime de produção de saberes sobre o trabalhar e suas relações denominado *Comunidade Ampliada de Pesquisa*. Num primeiro momento, ressaltamos o conceito de *humano* como um vivente dinâmico, em processualidade e que no encontro dialógico com o *outro* (consigo e com o mundo), constitui a si e ao mundo. Em seguida, apresentamos e discutimos o conceito de *Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP)* – suas inspirações e referências – explorado por um agrupamento de pesquisadores no Brasil, experimentando-o na constituição de um regime de pesquisa-intervenção em rede, operando, entre outros, o “Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho”.

1.1- Definindo o humano: quem é esse vivente?

Baseando-nos especialmente no aporte de Canguilhem (2001), Bakhtin (1981) e Maturana (2002), consideramos que os humanos estão em constante (re)produção de si e do mundo, e somente se constituem no diálogo, na interação com o meio (e o outro), num espaço de convivência e aceitação legítima do outro. Nesta linhagem de autores encontramos uma concepção acerca do humano como um vivente cuja diferença em relação

¹ Mestre em Psicologia Social (UERJ); Especialista em Transdisciplinaridade e Clínica (Faculdade Saberes/UFF). Professora do Departamento de Psicologia (UFES). bbotechia@yahoo.com.br

² Pós-doutorado em Ergologia (Aix-en-Provence/França); Doutor em Engenharia de Produção/Ergonomia (COPPE/UF RJ). Docente do Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UERJ). miltonathayde@uol.com.br

a outras espécies está em seu forte potencial (pró)ativo, linguageiro-dialógico, cognitivo-emotivo-amoroso, dinâmico, plástico e inventivo.

Neste plano ressaltamos seu caráter dialógico, isto é: todo viver humano consiste numa prática cotidiana de convivência com o outro, envolvendo redes de conversações. Dotados de uma particular capacidade para viver (considerada em sua força e fragilidade), os humanos estabelecem uma interação *no* e *com* o meio, antecipando-se na colocação de problemas, encontrando e inventando saídas, alternativas para os problemas colocados na relação com o meio e consigo.

Temos, portanto, movimento: seja de antecipação (exercitando a colocação de problemas), seja de criação de soluções (frente às exigências e constrangimentos, às variabilidades e ao acaso) e/ou de novos problemas (assim como a transformação desse conjunto de experiências em patrimônio coletivo). Ou seja, ao contrário de apenas reagir em busca de recuperação de um estado de equilíbrio, os humanos caracterizam-se por estar *em atividade* (o cérebro, por exemplo, é um órgão fundamentalmente de antecipação, de colocação de problemas).

Canguilhem afirma (1965, p. 02):

O homem pode trazer muitas soluções para um mesmo problema posto pelo meio. O meio propõe sem jamais impor uma solução. Certamente as possibilidades não são ilimitadas num estágio determinado da civilização e da cultura. Mas o fato de ter por obstáculo, num momento, o que, ulteriormente, revelar-se-á talvez como um meio de ação, deve-se em definitivo à idéia, à representação que o homem – trata-se do homem coletivo, bem entendido –faz de suas possibilidades, de suas necessidades e para dizer tudo, isso se deve ao que ele representa como desejável, e não se separa do conjunto dos valores.

Nesta linhagem, a perspectiva ergológica (SCHWARTZ, 2000), entendendo o trabalhar (e a atividade em geral) como manifestação da vida, agrega que este ingrediente ativo do humano é decisivo para compreendermos o caráter enigmático e complexo do trabalho como um espaço-tempo de debate de normas e valores. Um espaço-tempo no qual aquele que trabalha é desafiado e constrangido a (re)normatizar diante das normas antecedentes (prescrições etc.), das variabilidades e do acaso.

A Ergologia tem como ponto de partida e chegada a atividade (entendendo que a atividade de trabalho tem aqui um papel significativo para compreender a atividade

humana). Para Schwartz (2000a, p. 42) “a atividade aparece como produtora, matriz de histórias e de normas antecedentes que são renormatizadas no recomeço indefinido das atividades”.

Ainda segundo este autor (2005, p. 63), a atividade:

torna-se o lugar de uma dialética onde agora é preciso articular os debates do sujeito com todos os tipos de normas apreendidas no horizonte histórico-social. Estas normas devem ser pensadas como anteriores aos sujeitos que com elas têm de lidar, mas também é a história destes sujeitos, anterior a estas normas, que permite abordar localmente o resultado das negociações e onde resulta, a cada vez, a reconfiguração do meio. Com este reposicionamento, a actividade sai das disciplinas apenas do sujeito para ser um caldeirão profundamente enigmático da história, atravessando os campos disciplinares.

No curso da atividade de trabalho o protagonista desta atividade confronta-se com os limites e equívocos da prescrição, com as exigências/constrangimentos e as variabilidades, com o acaso. A partir das normas antecedentes, das tarefas, em cada situação singular ele faz escolhas, no exercício de debates envolvendo valores e normas, podendo mesmo produzir desvios (quando já não se trata de regulações, de restauração de equilíbrio; trata-se isto sim do que denominamos “regulagens”). A atividade é, portanto, um espaço de confronto entre as intenções próprias e as intenções dos outros, bem como algo que se desenvolve na história dos humanos no trabalho e fora dele.

Para Schwartz, o trabalho é um lugar de escolhas, um destino a viver, é risco. É nesse campo de variabilidades – do meio e dos trabalhadores –, do acaso, que a atividade de trabalho se produz. Se os humanos estão em constante (re)produção de si e do mundo, e somente se constituem no conversar, no diálogo, isto é, na interação com o outro, num espaço de convivência e aceitação legítima do outro, é somente com os protagonistas da atividade de trabalho em análise que poderemos compreender-transformar a situação concreta que eles vivem.

1.2- A Comunidade Ampliada de Pesquisa

Consideramos que para fazer funcionar um regime de produção de saberes sobre o trabalhar e suas relações, para colocá-lo em movimento, será preciso convocar um

patrimônio de conceitos, métodos e técnicas, inventar outros, criando condições propícias ao encontro e o diálogo sobre o trabalho, entre os vários atores em jogo. Temos então em sinergia uma perspectiva epistemológica e ergológica do humano. O que exige não apenas conceitos e teorias pertinentes, como também saberes gerados no exercício do trabalhar, mobilizados por uma inteligência e sabedoria do corpo. Exige também uma estratégia metodológica que, na tentativa de acompanhar o movimento plástico dos humanos em seu viver, também incorpore e colabore para que se opere (e coopere com) essa dinâmica.

Embora tendo consciência da fragilidade deste tipo de proposição, encontramos um patrimônio presente na história acerca dos regimes de produção de saberes sobre o trabalho (portanto, sobre a vida), que se tornaram referências fundamentais nesse campo, a saber: Enquete Operária (MARX), Educação Popular (FREIRE), Análise Ergonômica do Trabalho/Antropotecnologia (WISNER), Comunidade Científica Ampliada (ODDONE), que vem sendo incorporado criticamente na proposição do Dispositivo Dinâmico de Três Pólos (SCHWARTZ). Na tentativa de compreender e intervir, nesta linhagem busca-se o desenvolvimento mútuo de diferentes saberes, para tal incorporando criticamente a experiência e o saber dos trabalhadores, ressaltando a importância da sinergia, do diálogo crítico com os especialistas, nas pesquisas e intervenções nos mundos do trabalho.

É assim que buscamos incorporar em nossas investigações esta dinâmica do ser humano (em suas relações com o trabalhar), considerando que é somente no diálogo sinérgico com os operadores do trabalho em análise que poderemos avançar mais efetivamente para compreender-transformar a situação que vivem e que se encontra em análise.

Apresentamos aqui uma configuração do que a Ergologia propõe como “dispositivo dinâmico de três pólos” e que se denomina *Comunidade Ampliada de Pesquisa*. Ele vem sendo experimentado no Brasil, em busca de um modo de (re)produção (ampliada) de saberes (inclusive o científico) a partir da constituição e do desenvolvimento de um espaço dialógico de co-investigação envolvendo os acadêmicos e os operadores do trabalho em análise. Ele foi sistematizado por Athayde & Brito (2003) para a elaboração do “Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho em Escolas” (desenvolvido por grupos da FIOCRUZ, UERJ e UFPB em interlocução com um grupo da UFES).

Este Programa de Formação tem como objetivo estabelecer um espaço de relações (mútuo conhecimento, debates, confrontos) frutíferas entre os saberes advindos das ciências e da experiência prática dos (as) trabalhadores (as) de escola, acerca das relações entre saúde, gênero e trabalho, tendo em vista o desencadeamento de ações que possam modificar os ambientes de trabalho (afirmando a educação, a saúde, a vida) (BRITO, ATHAYDE & NEVES, 2003, p. 111).

A proposta então assumida era dar início a um tipo de ação (e investigação) que propunha a prévia formação (dos trabalhadores de escola, com efeitos sobre os profissionais de pesquisa-intervenção) para a compreensão, o monitoramento e acompanhamento das relações entre saúde e trabalho nas escolas públicas, sob o ponto de vista da atividade e dos protagonistas da atividade. Um “Programa de Formação” organizado em ciclos, tendo por objetivo uma multiplicação permanente, em rede. Um processo que pretende colaborar para ampliar o olhar e a escuta dos/as trabalhadores/as acerca do funcionamento e dos problemas presentes ndas escolas em relação à saúde daqueles/as que nela trabalham, bem como possibilitar a descoberta, construção e desenvolvimento de saídas para tal situação.

Favorecendo e apostando na construção de espaços de diálogo, de debates, de confrontação entre os diferentes saberes, o dispositivo *Comunidade Ampliada de Pesquisa* vem se juntando, assim, à perspectiva ética, estética, desenvolvimental e política de outros regimes de produção de saberes que associam pesquisadores profissionais e trabalhadores numa relação dinâmica e cooperativa de análise das situações de trabalho.

De fato, essa relação de co-análise enfatizada assume o entendimento de que o outro possui um patrimônio importante para a compreensão da atividade e será preciso colocar em circulação e em debate as informações e percepções acerca da sua própria atividade. Afirmando a posição de que o ser humano, no encontro e no diálogo com o outro (e consigo), constitui a si e ao mundo, será também nesse mesmo movimento que poderá encontrar formas de transformação da realidade.

As formas de percepção e de compreensão sobre o próprio trabalho, de aceitação legítima do outro, de comunicação (oral ou não) entre os diferentes atores, são construídas e estabelecidas a partir da perspectiva de que os humanos estão, potencialmente, em constante devir, em processo de desenvolvimento. Esse processo também pode ser vivido

pelos adultos no trabalho, desde que tenham a possibilidade de dizer o que fazem e como fazem, cabendo aos profissionais de pesquisa o desafio de incorporar essas experiências sob o ponto de vista da atividade, colaborando para colocar em análise não só o que fazem, como o que dizem do que fazem.

Acreditamos que o regime da *Comunidade Ampliada de Pesquisa* comporta a possibilidade de constituir-se como uma Zona de Desenvolvimento Potencial (CLOT, 1995, utilizando-se de Vigotski), visto que ao ter como proposta a construção de uma *zona*, um espaço dialógico entre os humanos, afirma que, no diálogo crítico com o outro é possível a construção de uma rede de trocas de experiências, de afetos, de problematizações e soluções. *Potencial*, porque ao se utilizar do princípio do dialogismo como ferramenta na produção de sentidos no trabalho, a construção desta *zona* poderá favorecer o desenvolvimento dos processos de elaboração e expressão dos humanos sobre sua atividade de trabalho.

A tarefa de colocar em sinergia os diferentes saberes exige uma postura ética de aceitação e reconhecimento da validade do saber do outro, de deslocamento dos lugares e das posturas de neutralidade, dirigindo-se para a construção de regimes de convocação mútua e (re)validação sistemática. Essa visão provoca um deslocamento na produção das diferentes formas de conhecimento, ao sinalizar o aprendizado mútuo entre os parceiros de co-investigação, cada qual trazendo um caldeirão de riquezas e dificuldades, e ao assinalar que só a partir desse diálogo crítico é que se pode efetivamente compreender-transformar o trabalho.

Essa postura exige o que Schwartz denomina “desconforto intelectual” (envolvendo humildade epistemológica), pois desde que se trate da vida e da atividade humana, será sempre um encontro singular, em alguma medida inédita, uma experiência que não pode jamais ser plenamente prevista, controlada, definida de antemão, conhecida antecipadamente. O conjunto de teorias, métodos, procedimentos e técnicas a ser utilizado, a partir de um patrimônio acumulado, será específico a um certo espaço, num dado momento histórico, e sempre definido e redefinido.

Há de se ter, portanto, como pano de fundo de todo modo de fazer educativo no campo dos processos ergológicos, uma forma particular de ascese: a que, na base de um desconforto de princípio em relação às ferramentas conceituais

disponíveis, deve aprender, na formação, e praticar, na pesquisa e na intervenção, a exigência de fazer com que sejam re-ensinados os debates de normas (das mais operatórias às mais éticas) que configuram parcialmente todo meio de vida. Isto impõe uma forte dose de humildade (...) (SCHWARTZ, 2002a, p. 136).

Esse movimento de analisar a atividade humana é uma tentativa de acessar os valores e conceitos das pessoas em cada local, e exige do pesquisador uma postura ética de não-julgamento e de não-distanciamento das situações por ele analisadas. Esta perspectiva epistemológica e ergológica sustenta que é preciso colocar em debate as normas e valores que estão presentes no trabalho, avaliando que os limites do conhecimento científico só podem ser superados e desenvolvidos se confrontados com a experiência do protagonista da atividade de trabalho e vice-versa. Considera que a experiência que as pessoas desenvolvem ao agirem no trabalho dá a elas uma riqueza imensa para se compreender o trabalho e a saúde, suas relações. A riqueza advinda do saber da prática, do corpo, tem sido, no entanto, a “face oculta da lua” para a ciência, e vice-versa.

Afirma-se aqui a *Comunidade Ampliada de Pesquisa* como um tipo de regime de produção de saberes – na perspectiva de um dispositivo dinâmico de três pólos – que permite incorporar, colocar em sinergia e desenvolver a experiência da prática e o conhecimento científico, contribuindo para a heurística problematização da produção de conhecimento, das formas de investigação e intervenção, ou seja, do fazer pesquisa e atuar profissionalmente.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1981.

BOTECHIA, F. R. O desafio de compreender-desenvolver um regime de produção de saberes sobre o trabalho e suas relações: a "Comunidade Ampliada de Pesquisa". 2006. 194 f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BRITO, J.; ATHAYDE, M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista da atividade. In: **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, v.1, nº 2, 2003.

BRITO, J.; ATHAYDE, M.; NEVES, M (orgs.). **Programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas: caderno de textos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003a.

CANGUILHEM, G. Meios e normas do homem no trabalho. In: **Revista Pro-posições**. Faculdade de Educação (UNICAMP). São Paulo, v.12, n.2-3, (1947) 2001.

FIGUEIREDO, M. *et al.* (orgs.) **Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, 3ª reimpressão.

SCHWARTZ, Y. **Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe**. Toulouse: Octarès, 2000.

_____. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. In: **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, nº 7, 2000a.

_____. Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica – Paideia e Politeia. In: **Revista Pro-posições**. Faculdade de Educação (UNICAMP). São Paulo, vol 13, nº 37, 2002.

_____. Actividade. In: **Laboreal**. Volume I, nº 1, p. 63-64, 2005 (Revista online – www.laboreal.up.pt).